

Mario Pederneras

OUTOMNO

PAPELARIA DA
CASA VALLELLE
R. Carmo, 45 e 55
RIO DE JANEIRO

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



ARIO PEDERNEIRAS

12786

OUTONO



VERSOS

MCMXIV

*À Ex.^{ma} Sr.^a J.ª M. Marinhas
eternamente grata, offereço
os últimos versos de meu marido*

MARIO PEDERNEIRAS

Julia M. Pederneras.

Rio de J. 10 - 921

OUTOMNO

VERSOS

1914



1921

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

3, Rua Santo Antonio, 3

RIO DE JANEIRO

OUTOMNO

VERSOS — — — — —
QUE — — — — —
ESCREVEU — — — — —
MARIO PEDERNEIRAS — —
EM — — — — —
MIL NOVECENTOS E QUATORZE

AO DOUTOR

João Marinho

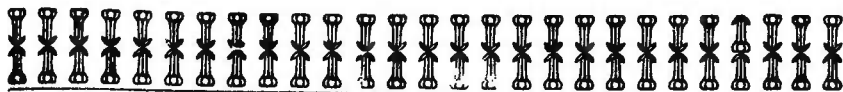
*Em dupla homenagem
A' egregia personalidade do
medico notavel e á carinhosa
pessoa do amigo dedicado.*

Volto, do rumo alpestre
Que seguia, ao rumo antigo
Do meu viver modesto e claro,
Trazido pelo suave amparo
Do teu saber de mestre,
Da tua mão de amigo.

PRIMEIRA PARTE

RESTOS DE SOL





MEU CIGARRO

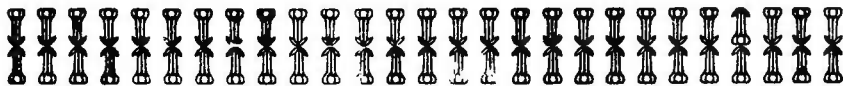
Nesta ardua vida vã em que disperso
Energias do espirito bizarro,
Ideal e engenho,
Para o preparo estetico do verso,
Afinal,
Eu sempre tenho
Um bom amigo incondicional:
— O meu cigarro —

Amizade de infancia
Rára,
Calma e discreta,,
Sem interesses, sem invejas e ancia,
Que é daquelle bom tempo estranho privilegio.
E se é verdade que eu nasci de tára



Mauricio Jubin

MARIO PEDERNEIRAS



MEU CIGARRO

⁄
Nesta ardua vida vã em que disperso
Energias do espirito bizarro,
Ideal e engenho,
Para o preparo estetico do verso,
Afinal,
Eu sempre tenho
Um bom amigo incondicional:
— O meu cigarro —

Amizade de infancia
Rára,
Calma e discreta,,
Sem interesses, sem invejas e ancia,
Que é daquelle bom tempo estranho privilegio...
E se é verdade que eu nasci de tára

E rumo
De Poeta,
Não é menos verdade que eu já fumo
Desde os vadios tempos de collegio.

O meu Cigarro é bohemio,
Bohemio e fantasista,
E' bem o irmão preciso e gemeo
Desta minh'Alma vagabunda e artista.

Para que guarde inteiro
O gosto e o apuro
Em que a emoção, por indole, bifurco,
No seu preparo toxico misturo
A volupia aromal do fumo turco
E a quente excitação do fumo brasileiro.

Da honesta quietação deste meu quarto,
Em que me prendo e voluntario fico,
Horas inteiras, enfarado e farto,
Do commum, do vulgar, da gente ôca,
Como eu me sinto independente e rico
De Cigarro á bocca .. ,

Se me corre enfadonho
O pesado labor de todo o dia

E procuro esquecer o mal que me entendia,
Fumo um Cigarro e... sonho.

E a Vida que passa,
Como o Cigarro symbolisa e alenta!
Se uma ambição de gloria me apoquenta,
Se a fortuna me enleva ou me captiva.
De tudo eu tenho a imagem viva
No azuleo esboço tenue da fumaça.

E se, irritado, muitas vezes, quero,
Num protesto sincero,
Rebater a maldade,
Que quer que sua voz domine e impere
E que a seu mando
Tudo arrasta e attráe;

Se uma attitude resistente assumo
Quando,
A lastimar o tempo assim perdido,
Volto, desilludido,
A' minha timida simplicidade,
E pego no Cigarro e fumo.
Como elle me vingá e me distráe.

Quando, ingenua, minh'Alma,
Acompanha do fumo as estranhas volutas,

Esquece o real da vida e as venturas astutas
E sonho a vida calma,
Toda de paz e de afeições dilectas,

Que o curso natural lhe embarace e lhe entrave,
Eu fico a contemplar, cheio de goso intenso
A fumaça que sáe, leve, azulada e suave,
E, quantas vezes, penso
Que para os bons e os Poetas,
Devia ser assim o caminho da vida.

O meu Cigarro, demais
Quasi sempre me dá impressões bem reaes.

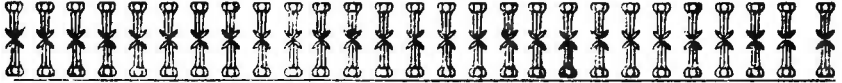
Do bizarro
Coleio em que a fumaça,
Em aspiraes, se agita,
Da graça,
Da forma singular que toma,
Da excitação do proprio aroma,
Da maneira subtil por que me excita,
Quando o seu toxico reclamo,
O meu Cigarro,
Tem qualquer cousa da mulher que eu amo.

Faz mal aos nervos o Cigarro, clamam
E o registram do vicio nos acervos. . .

Eu que sou todo nervos e emoções,
Protesto contra os que assim o infamam
E esta mentira medica desminto,
Pois ha occasiões
Em que eu mesmo sinto
Que o meu Cigarro me faz bem aos nervos.

O meu Cigarro é bohemio,
Bohemio e fantasista.

E' bem o irmão preciso o gêmeo
Desta minh'Alma vagabunda e artista.



MADRIGAL

Teu olhar é tão manso,
Tão de ardencias febris desprevenido e leigo,
Tão suave, tão bom, tão cheio de descanso;
Tão sereno é teu beijo,
Tão leve, tão subtil o teu proprio desejo;
Tudo
Em ti é tão meigo,
Sentimentos e Carne, Olhar, Vóz e Carinhos,
Que muita vez sentindo,
Junto de mim o teu aspecto lindo,
Que meu amor intenso,
Indomito, açulado, espera e espreita,
Penso
Que tù, Querida, tù, ês toda feita
De arminhos
E velludo.

Quer num suave enleio
Sentimental,
De idílio e de bondade,
Onde somente se destaque e arda
De ser qnerida a intimã alegria ;
Quer na intimidade
Dominadora e treda,
De um lascivo coleio,
Quasi de invertebrada e quasi de oriental,
E's a mesma de sempre, aromada e macía,
Oh ! meu anjo da guarda !
Oh ! minha linda Salomé de sêda !

Um lago,
Sem rithmos agitados,
De agua de brilho de aço,
Clara, fresca, parada,
Sob a sêda de um Céu, á noite, em pleno Outono ;
Um recanto de terra esteril, isolada,
Cheia de suggestões, de socego e de somno,
De distancia e de espaço,
Não tem a penugem do afago,
Deste afago normal dos teus olhos dourados.

Estas longas arcadas solitarias,
De antigas abadías

Largas, sonoras e sombrias
E legendarias,
Da symbolisação do socego e da paz,
Da vida que repousa,
A fugir do rumor que atormenta e que infesta.
O caminho vulgar que a vida humana poussa,
Tem qualquer cousa
Da honesta mansidão da tu'Alma de honesta.

Quando mais para a Terra teu amor dirijo
E o quero mais humano
E exijo
Que meu desejo dessedentes
Em caricias mais fortes e mais francas
E te imploro
O sabôr aromal do teu beijo sonoro,
Não me ficam nos labios
Acidulos resabios
Da ancia sensual de onde o Volupia espouca...

Só me fica na bocca
A macía impressão de que beijo azas brancas.



TERRAS ALHEIAS

Nunca senti de perto,
Real e verdadeira,
A agressiva impressão de uma floresta,
Nem a longa tristeza
De um infinito ~~X~~ campo, almo e deserto.
E não conheço bem a natureza,
Brava e honesta,
Nem a paterna
Vida interna
Da atrasada provincia brasileira.

Deixei passar o tempo e a mocidade
Na convivencia estética e mundana
Desta tranquilla natureza urbana,
Sem ~~in~~petos e assomo.
E fui vivendo assim, indifferente, como
Um legitimo filho da Cidade,

Mais do que a arvore enorme,
De rude aspecto informe,
Exhuberancia brava
E vulto agigantado
Que, para ter da vida a seiva que ella encerra,
Em desespero, crava
Pelo seio da Terra,
As garras da raiz,
Eu, no meu mêdo de civilisado,
Modesto, preferia
A sensitiva silhuêta esguia
E esta estrangeira graça dos oytis.

Era mais agradavel,
Ia melhor comigo,
Com a minha esthesia de rapaz,
A architectura audaz,
O bizarro feitio do nosso Tecto,
Mais que o penoso e antigo
Aspecto
Da excessiva modestia miseravel
Do aspero rancho de lizentõ barro.

A propria Estrada
Feita a mercê do tempo e dos terrenos,
Sulcada

Em terra mólle ou rocha crúa,
Longa, tão longa que parece
Que a gente, quando
Vae por ella, esquece
De que vae andando,
Eu amava menos
Do que amo a Rua.

O proprio Céu azul, evocativo,
Que cobre em paz a Terra e a Vida
Da gente ingenua, mansa e prevenida,
Desses locaes ;
O proprio Sol, de ouro e sangue vivo,
De igneo arrebòl
Que, com a seiva que derrama e encerra,
Farta estes campos vastos,
Da lavoura e de pastos,
Eu não trocava pelo Céu e o Sol
Da minha linda Terra.

Ao proprio sino de uma Torre pobre,
Tangendo á farta luz de um dia jalde,
Ou á fraca luz de um Sol morrendo,
Em cujo som dolente
Sempre se sente

A tristeza nostalgica de um dobre
E evocações de tristes scepticismos,
Eu preferia,
Fosse manhã chegando o fim do dia,
A vibração de um sino de arrabalde,
Que parece que sempre está tangendo
A alegria de Paschoas e Baptismos.

A canção da Cigarra,
Que no verão, das Arvores da Rua,
Tem o crystal de um som de riso e de algazarra
E uma vadia suggestão bohemia,
Na provincia, quando a luz espanta
Geme-a,
Esta mesma Cigarra côr de mél,
Mas em cadencia tão dolente e nova
E tão sentida de preguiça e fél,
Que até parece que a coitada canta
O molle romantismo de uma trova.

Entretanto,
Talvez, não seja tanto
Como aqui refiro ;

Talvez haja na agreste natureza
Glorias de Luz, detalhes de Belleza
E que a propria Cigarra,

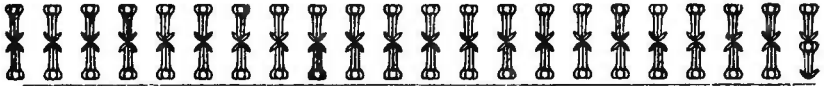
Symbolo vivo de alegria e fárria,
Seja, na Luz que o Céu inunda,
Mais bohemia e vagabunda.

Que queres tù, oh ! minha Terra linda ?
De luz que não se acaba e Céu que não se finda !
Se orgulhoso prefiro
Tudo que vem de ti,
Tudo que sei que é teu ?
E na rude emoção do meu verso proclamo
A belleza immortal da Terra em que nasci,
Em que vivo e que amo ?

E, demais, quem não ama a Terra em que nasceu ?

Quem sabe mesmo se este desageito,
Que me parece que amollenta e enfada
Os dias claros e as manhãs serenas
Da vida calma de um logar remoto,
E esta superioridade,

Que proclamo e noto,
Da minha Terra sobre a Terra alheia,
Não são mais que o effeito,
De um natural syntoma neurasthenico
De um legitimo filho da Cidade ?



ELOGIO DA CIDADE

Tù, minha linda Terra Carioca!
Não és apenas
A Terra suave das manhãs serenas,
Cujo cenário,
A todo instante, diferente e vário,
Provoca
Uma franca explosão de espanto e pasmo,
E o lisongeiro
Enthusiasmo
Do vagabundo espirito estrangeiro.

E nem vales somente
Pelo que exhibes de aparente
Na tua aspiração
De Cidade moderna ;
Nem pela cada vez mais densa

Mais forte, mais intensa
Americanisação
Da tua vida interna.

Já não és mais,
De certo
Aquella grande e socegada aldeia,
De Rua estreita e casaria feia,
Dos tempos que, aliás,
Vão ainda bem perto.
E em que, como unica prova
Do teu grande valor e da tua grandeza,
Tinhas apenas — esta Natureza,
Eternamente azul e eternamente nova.

Já te esqueceram a erronea
E archaica lenda injusta
De Cidade — Colonia,
E te deram ás Ruas e á morada,
O lindo aspecto, que tão bem se ajusta
Aos teus requintes de civilisada.

Por onde quer agora que sigamos
— Ou seja beira-mar ou rude encosta bruta
De um alto morro urbano,

Ao léo
Do passo livre e descansado,
Com que encanto feliz o olhar repousa, ufano,
Na sêda azul do teu amado Céu;
E deslumbrado,
Em todo o curso, attento, o ouvido escuta,
A canção vegetal da Cigarra e dos Ramos.

Fizeram-te mais linda,
Mais forte e mais sadia, e mais
Te augmentaram ainda
A graça natural, que é todo o teu orgulho ;
Para tua defeza e teu amparo,
Da raiva em temporal, do lamento em marulho,
Com que a furia do Mar te persegue e te implora,
Envolveram-te agora
Na larga facha de granito claro.
Da cinta hospitaleira de teu cáes.

Deram melhor moldura
A tua paysagem ;
Fizeram-te mais nobre
E domaram, por fim, a indomavel agrura,
Exubere e brutal do teu sangue selvagem,
E, attendendo á tua
Ambição natural de transito e de espaço,

Para a commoda pressa do teu passo,
 Demoliram a Casa velha e pobre
 E tornaram mais ampla a seducção da Rua.

E' mais azul teu Céu, tuas luzes mais jaldes,
 São outros mais jocundos,
 Os aspectos modernos que seduzem,
 Tudo o que, melhorada,
 A tua vida nova agora abrange,
 Na sua agitação intensa e diurna ;
 E é mais limpa e cuidada
 A natureza de teus arrabaldes ;
 Seja embora mais e mais soturna,
 A miseria dos bairros vagabundos,
 Onde a víola plange
 E as laminas reluzem.

Esquecida
 Da feição providencial dos tempos primitivos,
 A tua vida
 Agora é esta,
 Agitada, immodesta,
 Toda feita de pompas e attractivos ;
 Os effeitos da luz ou as nuanças da côr,
 Teu aspecto feliz e teu ar escorreito,
 Tudo parece preparado e feito

Para a franca explosão do pasmo exterior,
Para a larga attracção do dinheiro europêu.

Entretanto,
Minha linda Cidade!
Não é apenas teu feitio,
Nem a tua exclusiva qualidade,
E nem tambem o que proclamo e canto
No verso musical deste elogio.

Quem te conhece o espirito normal,
Socegado e tranquillo,
E sabe amal-o e sentil-o,
Mesmo através desta ancia em que agora evolues,
Quem te conhece a Alma sentimental
E todo o encanto real que vive em ti disperso,
E tua vida sã escuta e sente,
Sabe que tú possúes
Exhuberantemente,
Tudo quanto merece a sagração do verso.

SEGUNDA PARTE

SOB A CALMA DO OUTOMNO





ALEGRIA EM SURDINA

Abro a janella,
A saudosa janella do meu quarto.
Por ella
E' que me vem a vida lá de fóra
E, manso e farto,
Entra de maio o Sol que não abraza.

Parei no meio da descida
E agora
Torno de novo á minha casa,
Volto a viver a minha vida.

E meu olhar distraio
Revedo tudo que eu aqui deixára ;
A mesma sinto a Luz, serena e clara,
O mesmo azul e do mesmo velludo

O verde vegetal e o macio da aragem,
E no Mar e no Céu e na propria paysagem,
A suave impressão que deixa em tudo
A alma biblica de maio.

Maio passou na gloria plena
Do Sol macio e pouco denso.
Passou. entre balladas de novena
E nuvens biblicas de incenso.

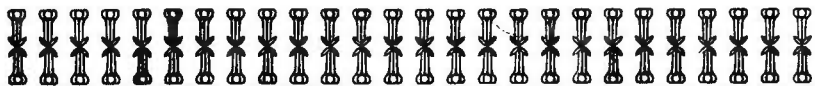
Nos olhos inda trago
Uns somnambulos restos de canção
E de exigencias physicas de somno,
Por isto é que melhor eu sinto o affago
Que erra
Na côr, no ar, na luz macia
E abre no espaço
A aza de arminho da melancholia.
Ah! como é bom convalescer no outomno,
Quando parece
Que, como nós, tambem a Terra
Convalesce.

Revejo os meus e tú, que és minha;
Volto de novo ao pequenino mundo
Onde da vida os bons concentro,

E outra vez sinto cá dentro
Mais calmo, mais profundo,
Mais na minh'Alma,
O longo beneficio desta calma
De que o Outomno toda a vida arminha.

Lá fóra
Anda um Sol que mais abraza
Do que esse que encontrei no meio da descida.

E só agora
Torno de novo á minha casa,
Volto a viver a minha vida.



CONVALESCENDO

Agora
No meu Outomno de Convalescente,
Somente
Da pequena janella desta casa,
Ouço o rumor da vida,
Que lá fóra estúa ;
Vejo o dia feliz que vae lá fóra,
Cheio de Céu azul e Sol que abraza
E então, fico a sentir, indefinida,
A saudade trístissima da Rua.

Cerca-me, entretanto, a calma da Morada,
Da modesta Morada em que ora vivo,
Modesta e socegada,
(E isto inda mais sobre minh'Alma actúa)
O dolente socego suggestivo
Da alma discreta de um Jardim da Rua.

Debalde
Busco ageitar-me á vida mansa,
A' insipida vida de arrabalde,
A' pureza hygienica da aragem,
Ao doce encanto
Da visão salutar desta paysagem...
Entretanto,
Como esta inercia me aborrece e cança.

Tenho para regalo, ao meu olhar avaro,
Do meu temperamento de vadio
E despreoccupado,
O mesmo dia sempre azul e claro,
Este horizonte,
Eternamente limitado
Pela passiva projecção de um monte,
E este mesmo Jardim sempre vasio.

Tenho tambem aqui a vida calma,
A luz do Céu, do Sol o extranho brilho,
A bôa sombra, o bom azul, o bom aroma,
Tudo que alegra a Terra e os Males dôma,
E anda por ahí, disperso,
A commover um'Alma
Ou a cantar num verso.



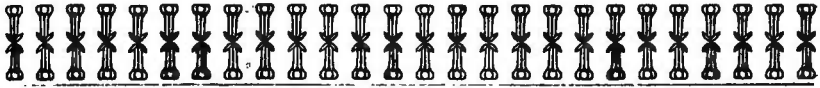
As vezes, tenho ainda, aqui, a insana,
A eterna historia humana,
Dolorosa e tristonha,
Da miseria de um vulto maltrapilho,
Que se arruína e escombra,
Em penuria e canceira,
E que aqui vem e que adormece e sonha
Num incommodo banco de madeira,
Sob o velludo protector da sombra.

Embora o bem estar que lavra
Neste calmo recanto,
No entanto,
Sinto que o dia corre, insonso e falho,
E as energías physicas me arrasa.
Falta-me a Rua, falta-me o Trabalho,
O Rumor, o Bulicio, a Alacridade,
Toda a razão de ser da Rua e da Cidade
Palavra!
Que estou cançado de estar preso em casa.

Para que mais me opprima
O desconsolo que minh'Alma encerra
E dia a dia se accentúa;
Para que seja mais penoso e amargo,

O pesar de sentir a saudade da Rua,
De seus aspectos rudes e sádios,
Eu vejo aberto sobre a vida e a Terra,
O parasol vermelho dos estíós. .

E ainda por cima,
Ha Cigarras cantando aqui, no Largo.



JARDIM DE OUTOMNO

Anda-~~se~~^{na} em torno, indefinido,
Um carinho subtil de doçura e abandono
E de calma sem fim,
Onde agora, feliz, minha vida enredomo.
Hoje minh'Alma é como
Isolado recanto de um Jardim
Adormecido
Na compassiva luz de um fim do Outomno.

E é nesse recanto, assim, em abandono,
Calmo, ensombrado,
Onde não chega o Sol que nos suffoca,
Que a Alma no Outomno,
Rememora e evoca
A vida que finou na magua do Passado.

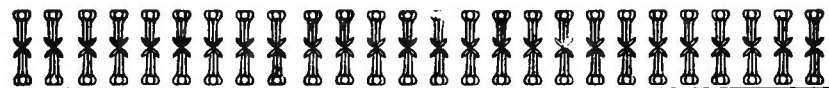
Agora, á extincta alacridade
 Dos intensos occasos sulferinos,
 A' bravura rhetorica dos hymnos,
 A deprimente excitação do vinho
 E das Carnes e Flores perfumadas,
 Abalando, feroz, nervos e musculos,
 Como a todo o vigor que o Sol suggere,

Agora a alma prefere ;
 A fria meia tinta dos Crepusculos,
 O velho romantismo das balladas,
 A triste evocação de um velha saudade
 E o cheiro livre e bom das hervas do Caminho.

Sem a rude emoção que o sonho ensombra,
 Já fugindo do Sol, que escalda o valle e o monte,
 Hoje é assim minh'Alma :
 — Um trecho de Jardim esquecido na sombra,
 Quiéto, macio e mudo,
 Acolhendo, feliz, na doçura da calma,
 Na sombra de velludo,
 A illusão já vencida,
 Ou o sonho fallaz que, rapido, se esváe.
 E, do Outomno a sentir a luz dolente e gasta,
 Minh'Alma vive assim,
 Neste velho recanto de Jardim,

Calmo, deserto,
Sem o mago vigor da Natureza bruta
E onde apenas se escuta,
Como a lembrar os rythmos da vida,
A sonora lamuria de uma fonte
E o dobre vegetal de uma folha que cáe.

Na vida é sempre assim, quando o Outomno se af-
fasta
E o invêrno vem perto.



MEU CIGARRO

Um dia eu tive uma paixão na vida
— Sentimento brutal, dominador, bizarro —
Destes que minam a Alma abatida
E nos levam até ao sacrificio. .
Já não era paixão, talvez já fosse vicio. . .

Amei intensamente o meu Cigarro.

Fil-o meu companheiro inseparavel. . .
Fosse a vida agradável,
Fosse a ventura pouca,
Nunca o Cigarro me deixava a bocca.

A transparencia azul e leve da fumaça,
Quanta cousa feliz, suavemente evocava ;
Este almejado bem, que se vive sonhando.

A ventura que passa,
 Fumando
 Quanta cousa feliz, a ccordado, eu sonhava.

Quanta vez isolado,
 Num recanto ensombrado,
 Que o carinho do Outomno alegra e entouca
 De macia emoção
 E macios matizes,
 Sentia-me tão bem com o meu Cigarro á bocca,
 Que até chegava a ter a illusoria impressão
 De que todos no mundo eram bons e felizes,
 Para esquecer da vida os males e os desgarrs,
 Os effeitos protervos,
 Chegava a me esquecer que tinha nervos
 E só amava os meus Cigarros.

Um dia adoeci. Qualquer cousa de serio...
 E um medico amigo,
 Que conhecia este meu vicio antigo
 E bizarro
 De um modo claro, leal e sem mysterio,
 Como quem quer salvar a vida de um doente,
 Fez do meu mal um terrivel resumo
 E ordenou-me, terminantemente,
 Que era preciso abandonar o fumo.



Foi quando abandonei o meu pobre Cigarro

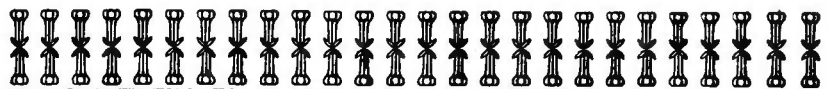
Aventura que passa,
O meu sonho bizarro,
Tudo acabou, por fim, na ultima fumaça
Do ultimo Cigarro.

A volúpia que esvoáça
E que eu via assombrado,
No colleio excitante da fumaça,
No fumo que fumava,
Para esquecer da vida a terrivel agrura,
Eu tudo assim, desleixava. esquecia
No curso rapido de um dia..

E, por fim,
A ventura
Com que o Cigarro ainda me illudía,
Agora jáz, inutil, esquecida,
Na esquecida tristeza do passado.

E assim
E' que é a vida.

MCMXIV



PASSEIO PUBLICO

Calmo jardim fechado e antigo,
Que o Sol, de leve, aquece,
E em que a sombra é um abrigo,
Onde o corpo descança e o espirito repousa.
Aqui dentro, parece,
Vive um pouco da minha mocidade
E alguma cousa
Da vida primitiva e ingenua da cidade;

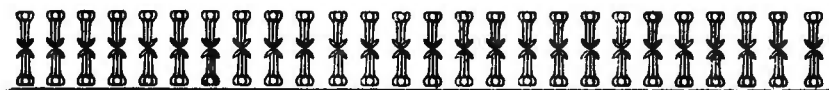
Velho jardim sombrio
Como um parado olhar convalescente.
Quando, sobre ti, se espalma
O velludo macio
E a suggestiva calma
Que encerra,
A meia sombra do poente,
E's o mais triste dos jardins da Terra.

O teu velho recinto
Convida a scisma e ao somno,
E ha qualquer cousa de final e extincto,
No teu scenario vegetal de Outomno.
Jardim de Sol e sem a intensidade
Do rumor diario,
Sem a brava luxuria
Desta vegetação que escurece o horizonte.,
Velho jardim macio e solitario,
Cheio de evocações do passado, de Magoas,
E em cuja fonte
O rythmo da agua
Parece relembrar a dolente lamuria
Dos antigos amores da Cidade.

Jardim de páz, de quietação, de somno,
Sem florações pujantes e vermelhas,
Sem horizontes de calor e brazas,
Sem o rude rumor da cidade grotesca,
Agitada, excitante...
Velho jardim de Outomno,
Trecho feliz de provincia distante
E de impressões serenas,
Onde se ouvem apenas
O adejo de azas,

O zumbir de abelhas
E o rumor de agua fresca.

Jardim de occaso, de ternura e affago,
De indolencia e triste,
De vida interior serena e quieta,
Sem rigores de Sol, que o queime e tisne.
Sempre na sombra de um Outomno immerso,
E onde, eternamente, existe,
Poeta !
Para exemplo e rythmo do verso,
O orgulho de um cysne
E a agua triste de um Lago.



NO CAMINHO DA VIDA

No caminho da vida
Ouço o Outomno que chega, aromado e macio
E grisalho da luz dos crepusculos suaves. . .

Entretanto, vão perto os rumores do Estío,
A vigorosa lida
E a estranha agudeza de impressões bizarras,
De som, de luz, de côr, de sonhos e de aves,
Com que o Sol movimentava Almas e Natureza,
No tempo em que se tem — Mocidade e Cigarras.

E' o Outomno que chega ! Ouço-lhe o rythmo lento
No rumor de desgalho
E no humano lamento
Da aragem ;
Vejo-o calmo e grisalho
Na doçura da luz que amacia a paysagem.

Sinto-o bem nesta especie de affago
Que delle se erradía ;
Ouço-o bem na indolencia de lago
Da agua morta que espelha o fim azul do dia.

O Outomno recorda
Outro tempo, outra luz, outra terra, outra idade,
A aza aligera e branca,
A kermesse do estío
E outra vida mais franca
Em que o sonho melhor o somno borda.

O Outomno é suave, é dolente, é macio,
Mas, o Outomno é tambem uma grande saudade,
E agora
Assim,
Como o vejo lá fóra,
Sinto-o dentro de mim.

Uma folha que cáe, um verso que soluça,
A névoa que a dêcer o alto de um serro embuça,
Uma nota final de Schumann em violino,
Uma lagrima, um sino,
Uma véla que parte, ou uma aza que vôa,
Folhas, vélas ou névoa, azas, lagrima ou rima,
Tudo quanto, afinal, represente ou exprima,



O outono recorda
Outro tempo, outra luz, outra Terra outra idade,

1917

A indolencia
De um gesto,
Lento, vago, modesto.

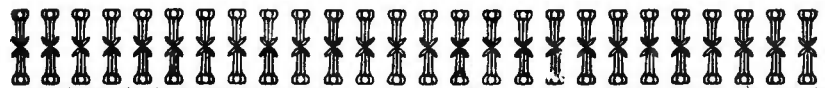
A saudade, o Adeus, a distancia, o abandono,
A' minha vida chega e aos meus ouvidos sôa.
Na suave cadencia
Com que a vida acalenta a chegada do Outomno.

E' no Outomno que a Terra, á luz velhinha e bôa
De um pôr de Sol, que á scisma exhorta,
Entôa
A funérea canção da Folha Morta.

O mar é calmo, em calma de descanço...
Nem uma ave nocturna, assustada, corveja
Em busca de um desvão
Onde, á noite,
Se acôite;
Nem a ingenua alegria
De uma aza branca adeja
A' luz mansa do dia.
Como que tudo fica assim, parado
E manso,
Para que a Terra chore o vigor do verão
Para que a vida escute o rumor do passado.

E já ficou mais longe a intensa alacridade
De outro sonho, outro estío. .

O Outomno é suave, é grisalho, é macío,
Mas o Outomno é também uma grande saudade
De tudo o que ficou pela vida disperso
E ao menos produziu a cadencia do Verso.



OUTOMNO

Outomno !
Qualquer cousa liláz,
Schumann em violino,
Angelus tangido em lentidões de sino,
Preguiçoso torpor de um fim de somno,
Espelho de agua quieta dos canaes !

Cá dentro,
A idade,
Restos de sonho e de mocidade ;
Trechos dispersos
De velhas ambições falhas na vida.
Parcelas
De antigas illusões que ainda, a custo, concentro
E invoco até agora !

Lá fóra
A descida,
O crepusculo innocuo destes dias,
A tristeza das folhas amarellas,
E a cantar sobre estas ruínas frias
A monotona toáda de meus versos,

Desces,
Poeta !
A descida é suave,
Não te demanda rigidez de musculos
E nem exige que teu passo apresses...
A natureza é quieta,
Da ingenua quietação de um sonho de ave,
E ha paina nos crepusculos...

No Outomno a luz é um eterno poente,
Que mais á calma que ao rumor se ageita ;
Brilha,
Tão de manso e calma,
Que até parece unicamente feita
Para o estado d'Alma
De um convalescente.

Faltam-lhe suggestões de alegria casquilha,
De amplos ares sadíos,

O tom fecundo do verão insano
E a bamba flacidez
Dos tempos frios.
O Outomno que os troncos encarquilha
E as folhas oxida,
E' a mais calma, talvez,
Das estações do anno
E a mais suave tambem das epocas da vida.

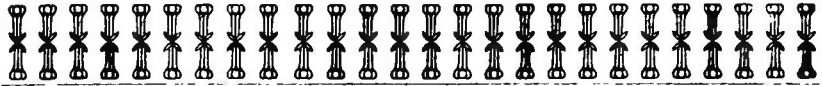
Sem ancias de illusões que as energías cança,
Sem labôres brutaes, que os musculos consomem,
Mas ainda com a da esperança
Rude força que o dôma,
O homem,
Que, mesmo assim, inda canta e trabalha
A luz grisalha que vem lá de cima
E torna o Céu brumado,
Vê que tem, como o Céu, o olhar embaceado,
Vê que tem, como a luz, a cabeça grisalha
E não mais o seduz a medieva arrogancia
Dos feitos e do gesto,
Na ancia
Da defeza vital de um sonho ou de uma causa
Que, na vida, o Verão tantas vezes suggere;
No Outomno prefere,
A' luta ingloria, ao apressado e lesto

Rythmo dos passos,
Ao proprio Sol, que aclara e doura,
As estradas, os campos, a lavoura,
A vida regular, a marcha em pausa
E a encardida neblina dos mormaços..

A natureza é quieta,
O Sol é menos quente,
Menos gárrula a ave.
Anda por tudo uma impressão de somno
E a luz é um eterno poente.

O teu verso tambem é mais lento e suave!
E' o Outomno,
Poeta !

Pela vida e no Céu a mesma placidez,
A mesma luz que, em calma, aclara e brilha.
O mesmo aspecto de cansaço humano.
O Outomno que os troncos encarquilha
E as folhas oxida,
E' a mais calma, talvez,
Das estações do anno
E a mais suave tambem das épocas da vida.



NOCTURNO

Céu de veludo,
Negro e macío,
De noite cheia de humidade
E frio.
Findo o trabalho,
Onde envelheço os dias,
E, obrigadamente, me distráio,
Embuçado no commodo agasalho
Do meu sobretudo,
Saio
Para sentir as emoções vadias
Da alma nocturna e fria da cidade.

A Terra cheira bem, á flôr e hervagem
Humida de matto ;
E excitante e subtil em tudo actúa,
Impregnando o olfacto,
E a aragem,
O perfume sensual de uma Noite de Lua.

Nem um outro rumor, além do que o meu passo
Produce na pedra lisa da calçada,
Da rua intermina e calada.
Como lenta e vadia anda a Lua
No Espaço,
Assim, ando eu na rua.

Nem o mais leve signal de vida ;
A Terra como que adormeceu,
Farta e florida
Nesta isolada Noite soturna,
De somnos socegados e profundos ;
Apenas — a Lua e eu
Vagabundando,
Lá vamos arrastando,
Pela dolente placidez nocturna,
Nossos bohemios vultos vagabundos.

Sob a calma impressão da Noite clara,
A alma da rua é triste. .
A alegria nocturna lhe é tão rara.
Que chega a parecer que não existe.
Como se torna longa e solitaria,
Sem que nada revéle
As emoções que lhe deixou o dia.
Será crível então,

Que tanto o homem se intégre
Na sua agitação
Diaria
Que só com elle
E' que fica alegre ?

Como de Noite a alma da rua muda
E desfigura
As emoções que instiga
E que, de Dia, claras, accentúa. . .
Que differença
Da rua
Na hora clara e intensa
Da luz, que a queima e que a castiga,
Da rua, na hora calma e escura,
Da sombra que avelluda. .

Que impressão de respeito a rua infunde
A' luz do luar em noite alta ;
O seu aspecto sobressalta,
Na sua sombra tudo se confunde.

A Noite dorme,
Numa tristeza irreal, commovedora,
Num silencio de campos e de mattas. .

O aspecto singular da casaria informe
Tem expressões attonitas e cautas...

Aqui, um grillo agoura,

E lá, no opposto extremo,
Numa agonia do soffrer supremo,
Chora o gemido musical das flautas
Na pachola canção das serenatas.

A arvore tem uns aspectos incultos
E num leve rumor de folha solta
A sua vida vegetal resume...
E assim, envolta,
Num confuso volume
De sombras e de vultos,
Ninguem distingue a airosa magestade
Da arvore diaria e verde da cidade

E neste triste ambiente,
Que sobre tudo paira e em tudo existe,
E' que se sente
Como, de Noite, a alma da rua é triste.

Numa vaga inconsciencia
De olhar contemplativo que desvaira,

Mas onde uma reminiscencia,
De extinctas illusões, inda flutúa,
Sobre a Terra paira
A alma branca e somnambula da Lua.

Uma lenta impressão de branco e leve,
Placidamente érra
Pela Terra.
Em tudo — evocações de monjas e castellos,
De tudo que descança...
E a musica subtil dos rumores que se ouvem
E' tão suave e tão mansa,
Como deve
Ser Beethoven
No infinito gemer dos violoncellos.

Céu de velludo !
Nem um rumor de vóz em riso ou pranto
Nem um rumor mais vivo,
De alacres, rudes alegrias francas,
E nem, sequer, a honesta
Agitação somnambula das aves ;
A impregnar-se em tudo,
O silencio aromal das noites brancas.

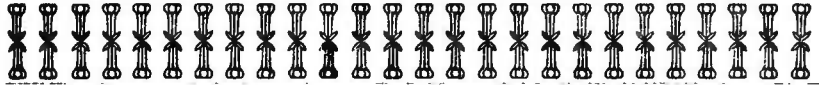
No entanto,
Sob o disfarce de emoções suaves,
O Luar é lascivo.

A lascivia do Luar, porém, não nos suggere
Paixões brutaes de intinctos broncos,
De carnes fortes e de rijos troncos,
Nem amores febris que nos enervam,
De uma extranha volupia insaciada
E desejos violentos e fallazes ;
A sua lenta suggestão prefere
O romantismo de emoções mais finas ;
Esta velha feição de amores que conservam
Uns antigos sabores de balladas
E a tremula cadencia das surdinas
Na permuta sensual de beijos e de phrases.

Nem uma nota espurea
De sons e de alaridos
De uma viva alegria ;
Apenas intangivel e volatil,
A vibrar
A lamina vibratil
De seus cinco sentidos,
A suave harmonía
Com que a luz do Luar

Sonorisa e desfarça
O emotivo nocturno da Luxuria.

Sob o dominio delicado e brando
Daquella suggestão de volupia secreta,
Que suavemente actua
Sobre a larga mudez da Terra taciturna,
Lá se vão arrastando,
Sob a dolente placidez nocturna,
A minh'Alma de poeta,
A alma branca do Luar e a alma triste da rua.



CREPUSCULO

Eu sempre fui amigo dos estíos,
Dos longos dias claros e sadíos,
Da Cigarra, do Sol que a vida encerra,
Que alegra a luz e que fecunda a Terra.

Mas estou hoje num estado d'Alma,
Tão de indolencia e calma
E tão avesso ás emoções bízarras,

Que não quero saber de sol nem de cigarras.

Nada de força, de vigor, de musculos,
De desejos agudos,
Nem dos desatinos
A que, ás vezes, me atiro,
De alguma extranha phantasia nova ;
Hoje alegrias e vigores dômo

E prefiro
A meia tinta morna dos Crepusculos,
Num macio carinho de velludos,
A plangencia catholica dos sinos,
Num fim de tarde, quando a luz repousa,
Ou então, qualquer cousa
Como
N'alma de um violoncello a surdina da trova.

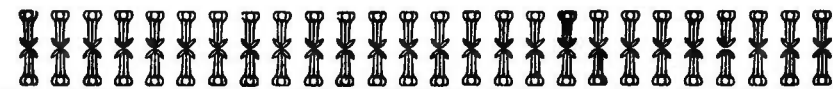
Olho este fim de tarde e esta sombra que desce
E em tudo alonga e tece
A trama tenue de seu véo de luto...
A alma sentindo evocativa e bôa,
Emocionado, escuto
O saudoso rumor do dia que se extingue
E o dia azul que foi, apenas se distingue,
Por um resto de luz que nas alturas sobra,
Por um sino que dobra
Ou uma aza que vôa.

Hora triste de aspectos,
Em que vive a emoção de umas longas distancias,
Feita para sentir as venturas e as ancias
Da saudade infeliz de uns extinctos affectos.



E esta restea de luz, clara, forte, e sadia,
Numa longa impressão de vigor e de assommo
Suavemente
Esquecida.

Neste trecho de Céu em silencio e ensombrado,
Evocando
A ventura do dia,
E' como
No agitado rumor de uma vida presente,
A saudade de um som evocando o passado,
A cadencia de um verso a lembrar uma vida.



TRECHO FINAL

Meia tinta de côr dos occasos do Outomno,
Sonho que uma illusão sobre a vida nos tece
E perfume subtil de uma folha de trêvo.
São, de certo, a feição deste livro que escrevo
Neste ambiente de silencio e somno
Nesta indolencia de quem convalesce.

Meu livro é um jardim na doçura do Outomno
E que a sombra amacia
De carinho e de affago
Da luz serena do final do dia ;
E' um velho jardim dolente e triste
Com um velho local de silencio e de somno
Já sem luz de verão que o doire e tisne,
Mas onde ainda existe
O orgulho de um Cysne
E a agua triste de um Lago.

INDEX.

PRIMEIRA PARTE

	Pags.
Dedicatoria	5
Sextilha	7
Meu cigarro	11
Madrigal	17
Terras alheias	21
Elogio da cidade	27

SEGUNDA PARTE

Alegria em surdina	35
Convalescendo	39
Jardim de outomno	43
Meu cigarro	47
Passeio Publico	51
No caminho da vida	55
Outomno	59
Nocturno	63
Crepusculo	71
Trecho final	75



— EDITORA —
A GRANDE LIVRARIA
LEITE RIBEIRO
Séde e oficinas typographicas :
Rua Béthencourt da Silva, 15, 17 e 19
(Antiga Santo Antonio)
e Rua 13 de Maio 74 e 76
RIO DE JANEIRO





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).